

Editar Roland Barthes¹

Claude Coste²

Tradução por Giovani T. Kurz

Resumé

La réception de Barthes en France se singularise par sa dimension affective (les premiers commentateurs de Barthes ont été ses étudiants) et par la présence des archives sur le territoire national. L'édition des *Œuvres complètes*, procurée par Éric Marty, donne lieu à deux publications qui témoignent de l'image de l'auteur et de son évolution : quand la première, en trois volumes (1993-1995), sans appareil critique, instaure un Barthes-monument, la seconde, en cinq tomes précédés de longues préfaces, plus accessible financièrement, propose un Barthes-instrument. L'édition des inédits (notes des séminaires au Collège de France et à l'École pratique des hautes études) relève d'un même imaginaire auctorial : fondé sur la distinction barthésienne entre l'oral et l'écrit, entre l'« écrivain » et l'« écrivain », le principe éditorial évolue pour aboutir à la publication de la version orale de *La Préparation du roman* et du *Neutre*. Le *Fichier* de Barthes et la correspondance se présentent comme les deux grands chantiers en cours. Le premier ensemble permet d'entrer dans l'atelier de l'écriture, de mesurer le rôle complémentaire du carnet et du fichier, du mot et de la phrase, de la *nota* et de la *notula*. Le second ensemble à peine exploré laisse deviner combien Barthes a fait du dialogue un élément fondamental de la création.

Mots-clés : Roland Barthes ; Édition ; Œuvres complètes ; Fichiers.

-
- 1 Este texto foi originalmente apresentado como conferência no 16º Congresso da APCG – Arquivo expandido: conexões e processos de criação, na Mesa “Literatura e edição”. O autor generosamente autorizou sua publicação, após alguns ajustes realizados por ele.
 - 2 Professor emérito na universidade de Cergy Paris e membro do Item-CNRS, consagra uma grande parte de sua pesquisa à obra de Roland Barthes, tendo editado vários de seus seminários na editora francesa Seuil (*Como viver junto*, *Le Discours amoureux*, *Sarrasine de Balzac* etc). É autor de *Roland Barthes moraliste*, *Bêtise de Barthes*, *Roland Barthes ou l'art du détour*. *Le Dictionnaire Roland Barthes* (1000 páginas, 70 colaboradores) acaba de ser publicado pela editora Honoré Champion. Trabalha também sobre as literaturas francesas e francófonas dos séculos XX e XXI (*Morales de la forme*) e sobre as relações da literatura e da música (*Les Malheurs d'Orphée*, *Orphée ou les Sirènes* etc). Neste momento, está preparando uma obra sobre o significado na música.

Resumo

A recepção de Barthes na França se distingue por sua dimensão afetiva (os primeiros comentadores de Barthes foram seus alunos) e pela presença dos arquivos em território nacional. A edição das *Obras Completas*, organizada por Éric Marty, deu origem a duas publicações que refletem a imagem do autor e sua evolução: enquanto a primeira, em três volumes (1993-1995), sem aparato crítico, instaura um Barthes-monumento, a segunda, em cinco tomos precedidos de longos prefácios e mais acessível financeiramente, propõe um Barthes-instrumento. A edição dos inéditos (anotações dos seminários no Collège de France e na École Pratique des Hautes Études) corresponde a um mesmo imaginário autoral: fundamentado na distinção barthesiana entre o oral e o escrito, entre o “escrevente” e o “escritor”, o princípio editorial evolui até culminar na publicação da versão oral de *A Preparação do Romance* e *O Neutro*. O *Fichier* de Barthes e a correspondência apresentam-se como os dois grandes projetos em andamento. O primeiro conjunto permite adentrar o ateliê da escrita, avaliar o papel complementar do caderno e do arquivo, da palavra e da frase, da *nota* e da *notula*. O segundo conjunto, ainda pouco explorado, deixa entrever o quanto Barthes fez do diálogo um elemento fundamental da criação.

Palavras-chave: Louis-Ferdinand Céline; Manuscritos; Inéditos; Estilo.

Abstract

The reception of Barthes in France is distinguished by its emotional dimension (his first commentators were his students) and by the presence of his archives on national territory. The edition of the Complete Works, overseen by Éric Marty, gave rise to two publications that reflect the author's image and its evolution: while the first, in three volumes (1993–1995), without critical apparatus, establishes a monumental Barthes, the second, in five volumes preceded by lengthy prefaces and more financially accessible, presents a utilitarian Barthes. The publication of unpublished materials (notes from seminars at the Collège de France and the École Pratique des Hautes Études) stems from the same authorial imaginary: based on Barthes's distinction between the spoken and the written, between the “writer” (écrivain) and the “writing subject” (écrivain), the editorial principle evolves to culminate in the publication of the oral versions of *The Preparation of the Novel* and *The Neutral*. Barthes's *Fichier* and correspondence represent the two major ongoing projects. The former offers access to the writing workshop, allowing one to assess the complementary roles of the notebook and the file, the word and the sentence, the *nota* and the *notula*. The latter, barely explored, suggests how deeply Barthes made dialogue a fundamental element of creation.

Keywords: Roland Barthes; Edition; Oeuvres complètes; Archive.

Roland Barthes morreu no dia 26 de março de 1980 em um acidente de trânsito. Mais de trinta anos depois, a sua obra ainda ocupa um lugar central na vida intelectual francesa. Apresentada como caleidoscópica, esta obra é atualizada regularmente, de acordo com os questionamentos e as problemáticas do momento. Cada pessoa e cada momento tem o seu Barthes!

A vitalidade de Barthes também deve muito ao seu papel e à sua influência como professor, primeiro na École Pratique de Hautes Études, de 1960 a 1976, depois no Collège de France até 1980 (seu último curso permanecerá interrompido).

Muitas vezes comparado a Sócrates (figura da qual, todavia, pouco gostava), Barthes não deixava indiferente quem quer que fosse, o que explica o clima de grande afetividade que ainda o envolve e que envolve a sua obra. Muitos dos intelectuais franceses da segunda metade do século XX foram seus alunos ou o conheceram, de perto ou de longe.

Enfim, ao contrário de outros pensadores da mesma época, quase todos os seus arquivos estão mantidos em solo nacional: nenhum manuscrito importante aparece nas bibliotecas norte-americanas. A edição de Barthes é, portanto, um empreendimento muito francês, por conta das realidades materiais e afetivas que o condicionam.

Assim, em 2009, a publicação de dois inéditos bastante íntimos, os *Cadernos da viagem à China* e o *Diário de luto*, provocou a indignação de algumas pessoas próximas a Barthes, entre as quais estava François Wahl, chocado por serem colocados aos olhos do público textos que não lhe eram destinados.

O que fazer com os arquivos de Barthes, primeiro confiados ao IMEC (Instituto Memória da Edição Contemporânea), próximo a Caen, e mais tarde à Biblioteca Nacional da França, em novembro de 2010?

A pergunta continuou a surgir após a morte do autor. Em 1990, a revista *La Règle du Jeu* publica sem autorização a transcrição de uma aula do *Neutro*, o segundo curso no Collège de France. A reação de Michel Salzedo, o irmão e herdeiro de Barthes, é imediata: um processo perdido de Bernard-Henri Lévy, debates na imprensa, acusação de traição de um lado, de acumulação do outro...

Esta polêmica afetou todas as publicações durante dez anos, e o impulso editorial produziu exatamente o contrário daquilo que os seus instigadores esperavam. Será preciso esperar até 2002 para que os primeiros cursos no Collège de France (*Como viver junto* e *O Neutro*) sejam publicados pela editora Seuil.

Mas antes de publicar material inédito, a primeira exigência era republicar textos de difícil acesso. Amigo de Barthes, o mesmo François Wahl edita na editora Seuil, nos anos 1980, uma série de coletâneas póstumas de artigos que só podiam ser consultados em revistas, *O rumor da língua*, *O óbvio e o obtuso*, *A aventura semiológica*... Estes livros desempenharam um papel enorme na recepção de Barthes depois da sua morte, mas essas coletâneas – constituídas de modo subjetivo – muitas vezes carecem de unidade e permanecem lacunares. Chegou a hora, portanto, de pensar na obra completa.

O estabelecimento de uma obra completa coloca questões fundamentais: a primeira diz respeito à delimitação entre o que pertence à obra e o que não lhe pertence. Onde começa e onde termina uma obra? Quais critérios seguir? Que lugar dar à intenção do autor?

A segunda questão faz referência à imagem que o editor e os leitores têm do autor. Todo trabalho de edição repousa sobre um imaginário. Já mencionei a importância da dimensão afetiva, ao menos na França. É preciso, ainda, levar em consideração uma terceira realidade: a dimensão econômica e comercial de qualquer publicação. Editores e livreiros são comerciantes que vendem livros!

Um feito quase único: Barthes teve duas edições muito próximas das suas obras completas. De 1993 a 1995, e então em 2002 – ou seja, em menos de dez anos –, Éric Marty forneceu à editora Seuil duas versões significativamente diferentes e bastante reveladoras da evolução da visão crítica.

A primeira entrega corresponde sem dúvidas a uma forma de reconhecimento institucional. Qualquer edição de obras completas – que unifica sob uma mesma assinatura a produção de toda uma vida – tende a transformar o escritor em “grande autor”. A apresentação material acaba fornecendo a impressão de consagração: a escolha do papel-bíblia e de uma bela caixinha ilustrada, o alto custo de cada volume, o texto entregue nu, sem aparato crítico, com exceção de um breve prefácio de Éric Marty – tudo tende a constituir a obra como um “belo objeto”.

Os três volumes reúnem todos os livros, artigos e textos redigidos integralmente e publicados por Barthes durante a sua vida. Mas toda regra tem exceções! Os volumes incluem também textos já publicados de forma póstuma, graças, mais uma vez, à François Wahl, como “Incidentes” (uma série de anotações em sua maioria de teor sexual sobre o Marrocos) e “Noites de Paris” (páginas bem melancólicas de diário). Estes textos autobiográficos foram editados pelo próprio Barthes, que os arquivou pensando em uma publicação eventual. Aparece também um inédito completo, os rascunhos do romance *Vita nova*; estes rascunhos exiguamente redigidos são reproduzidos em fac-símile com uma transcrição diplomática. Significa basicamente que os dois critérios de redação e do controle autoral podem ter sofrido importantes alterações.

Mais completa do que a anterior (foram encontrados textos adicionais), a versão de 2002 se caracteriza por mudanças materiais e intelectuais, que a tornam muito mais *acessível*, em todos os sentidos da palavra. Organizada em cinco volumes mais manejáveis, ela segue as diferentes “fases” propostas pelo próprio Barthes em seu autorretrato intelectual, *Roland Barthes por Roland Barthes* (1942-61, 1962-67, 1968-71, 1972-76, 1977-80). Além disso, cada volume, em brochura simples, é vendido a um preço adequado. Do “livro ornamental”, passamos ao livro de trabalho, ao instrumento que pesquisadores e estudantes têm em suas bibliotecas.

E mais: Éric Marty oferece cinco prefácios notáveis que analisam o dinamismo e as constâncias de uma obra polimorfa. Estes prefácios serão retomados em seu livro *Roland Barthes, o ofício de escrever*, de 2006. Com esta edição, mais acessível

financeiramente, mais legível, concedendo maior espaço ao comentário, o “Barthes-monumento” se transforma em um “Barthes-instrumento”.

Chega-se a uma nova etapa com a publicação, em outubro de 2010, de uma antologia que eu preparei para a coleção “Points” da editora Seuil. Pensados em relação estreita com a ideia de totalidade, esses “fragmentos selecionados” servem como introdução geral à *Obra completa*. Do texto isolado (da edição de 1993-95) ao texto longamente prefaciado (da edição de 2002), chegamos então a um *corpus* dotado de um aparato crítico importante (prefácio geral, notas introdutórias, notas de rodapé...) que o distanciamento temporal tornava cada vez mais necessário. Destinado a um público de estudantes ou de curiosos, o comentário tende a preencher a lacuna provocada pela passagem do tempo.

Próximas de uma escrita jornalística, as *Mitologias* se dirigiam, em 1957, a um público leitor que dividia com o autor uma cultura comum, ou mesmo uma cumplicidade. Cinquenta anos mais tarde, poucos franceses se lembram do copo de leite de Pierre Mendès-France, do pastor Graham, da pequena Minou Drouet ou do caso Dominici... Para um público leitor brasileiro, ainda mais, as referências culturais da França de Barthes pedem um aparato crítico inevitável.

A questão editorial surge com complexidade ainda maior quando se trata de materiais inéditos, como as anotações para cursos no Collège de France ou na École Pratique des Hautes Études. Que solução adotar ao publicar documentos essenciais para se conhecer Barthes, mas cujo estatuto textual não é óbvio?

A publicação de anotações de aula constitui um empreendimento amplo colocado sob a direção geral de Éric Marty. Até o momento, foram lançados três cursos no Collège de France (*Como viver junto*, *O Neutro*, *A preparação do romance I e II*) e três seminários na École Pratique des Hautes Études (*O discurso amoroso*, *O léxico do autor*, *Sarrasine de Balzac*).

Acolhidas com grande atenção na França e no exterior (há inúmeras traduções), estas publicações enriqueceram profundamente o conhecimento que podemos ter da obra e das atividades de Barthes. Elas demonstram um interesse por objetos textuais de estatuto indeciso, entre a filosofia e a literatura, a oralidade e a escrita, que obrigam a repensar as fronteiras de gênero e a condição das produções culturais. A edição dos cursos participa plenamente do desenvolvimento dos estudos genéticos na França, da ampliação do conceito de literatura, do interesse pelos infragêneros (cadernetas, diários etc.).

De certa maneira, os seminários contradizem o edifício das obras completas, fundado sobre um critério essencial: a vontade autoral de publicar. Mas, como veremos, é sempre o mesmo imaginário que, em última análise, está em ação. Como descrever esses manuscritos destinados ao uso exclusivo do professor e como torná-los acessíveis a um público leitor amplo? O editor é confrontado por um texto semirredigido, que Barthes nunca pensou em publicar tal como ele se encontrava.

As notas oferecem graus de redação muito diferentes: enumerações simples ou passagens escritas em estilo telegráfico são seguidas por passagens longas e mais elaboradas. O tipo de redação é o mesmo desde os seminários da École Pratique

des Hautes Études até os cursos do Collège de France, mas no caso dos cursos o dossiê genético se enriquece com gravações orais de cada sessão.

Dois princípios fundamentais inspiraram o trabalho coletivo atento aos princípios enunciados por Barthes: por um lado, a distinção entre oralidade e escrita; por outro, a distinção entre o “escrevente” (que usa a língua como instrumento) e o “escritor” (que usa a língua para fins criativos). Assim, por respeito ao autor, não seria aceitável transcrever a versão oral (no caso dos cursos no Collège de France) ou redigir um texto a partir das notas manuscritas, isto é, tornar-se escritor no lugar de Barthes – esta última solução foi a escolhida para a edição dos cursos de Michel Foucault.

Aproveito para acrescentar que as soluções do fac-símile e da edição diplomática, embora muito mais fiéis ao texto do autor, não foram mantidas, devido ao custo altíssimo destes tipos de publicação e à escassez de um público leitor.

Mas, apesar de um imaginário dominado pelo respeito, era preciso tornar as anotações dos cursos acessíveis, e era necessário fazer inúmeras modificações nos detalhes. Sem redigir no lugar de Barthes, fizemos assim numerosos esclarecimentos, sempre que o sentido do texto não corresse o risco de sofrer alguma distorção.

Lembro-me de alguns exemplos: os termos em alfabeto grego foram transliterados, a enumeração dos números foi racionalizada, as abreviações foram completadas; o uso de maiúsculas, de aspas e de itálicos, abundante no manuscrito, foi reduzido às palavras-chave ou às palavras passíveis de uma leitura dupla. De um modo geral, a escolha da pontuação conforme o uso corrente permitiu reconstituir frases completas e assim facilitar a decifração do sentido literal. Ou seja, foi preciso encontrar um equilíbrio entre o respeito ao autor e o conforto do leitor. Naturalmente, todas estas escolhas editoriais são apontadas nos diferentes prefácios.

Mas, apesar dos mesmos princípios editoriais e do mesmo imaginário, nota-se uma evolução sensível no tratamento das anotações manuscritas quando passamos dos cursos do Collège de France para os seminários da École Pratique des Hautes Études. De fato, neste último caso, as intervenções no texto foram nitidamente mais significativas — como se os editores tivessem de repente decidido conceder-se liberdades que antes tinham negado a si mesmos. Em *O discurso amoroso* e *O léxico do autor*, permitiu-se acrescentar uma palavra sempre que isso permitisse preencher uma elipse de forma óbvia. Assim, preferiu-se “É importante dizer” a “Importante dizer”; do mesmo modo, uma frase como “A exaustividade da análise é, na verdade, uma palavra imprópria e perigosa” substitui a formulação de Barthes: “Exaustividade da análise: palavra em verdade imprópria e perigosa”.

Este esforço teve continuidade no caso do seminário sobre *Sarrasine*: as elipses gramaticais foram reduzidas, mesmo quando a escolha do termo não era óbvia. Deste modo, a frase “Ressurreição do texto = morte do autor, ligada (voltaremos a ela) a uma promoção da leitura” passou a ser: “A ressurreição do texto implica a morte do autor, ligada (voltaremos a ela) a uma promoção da leitura”.

Simplesmente evitamos a intervenção menor sempre que o sentido literal era problemático.

Soma-se a esta realidade quase pedagógica das considerações econômicas o fato de que os cursos no Collège de France tiveram uma recepção mundial bastante positiva, mas as vendas permaneceram relativamente modestas, dada a dificuldade da leitura posta por essas anotações semiescritas. Rapidamente tornou-se óbvio que era preciso ajudar ainda mais o leitor, isto é, intervir ainda mais no texto.

Chegou-se a uma etapa fundamental com a segunda edição de dois cursos no Collège de France: *A preparação do romance* e *O Neutro*, dos quais, cabe lembrar, temos as gravações. Foi a partir de então que se valorizou a versão oral. Como vemos, os princípios editoriais evoluíram em todos os seus aspectos (ou quase). Até então, não era preciso redigir no lugar do autor; tampouco confundir oralidade e escrita e praticar aquilo que Barthes chamava de “*scriptio*”, forma que ele pouco usava, forma bastarda entre dois modos muito diferentes de expressão.

Nestes dois cursos, o discurso de Barthes foi transcrito com modificações mínimas. Mas a passagem ao escrito implica uma pontuação, o que obrigatoriamente transforma o formato oral do curso. De qualquer forma, esta nova versão, de leitura mais fácil, mais viva (pode-se ouvir a voz de Barthes!), foi muitíssimo bem recebida por pesquisadores e estudantes.

Editar manuscritos é, em última análise — apesar das regras que nos impomos e que dependem do ideal que construímos do autor —, dispor-se a tatear; é propor uma primeira solução, colocá-la à prova, aceitar a evolução — mesmo que isso signifique uma reviravolta... O que a distância entre as publicações atenua, em alguma medida.

Após a publicação da obra completa e dos principais manuscritos de curso, o que falta editar? Os arquivos da Biblioteca Nacional da França já não incluem grandes coleções como os cursos da École Pratique des Hautes Études e do Collège de France.

A editora Seuil rejeitou a publicação do seminário sobre “Le discours de l’histoire” [O discurso da história], considerando que essas anotações interessavam apenas a um punhado de especialistas. Mas ao menos partes dos seminários mereceriam uma difusão em revistas.

A este respeito, cumprimento o trabalho notável de Claudia Amigo Pino, que publicou recentemente em francês uma obra de referência sobre os seminários: *Aprender e desaprender. Os seminários de Roland Barthes (1962-1977)*. Espero muito que nossa colega e amiga possa colocar sua experiência a serviço da edição de um conjunto ainda pouco conhecido.

Os dois grandes projetos que ocuparão os jovens pesquisadores dizem respeito sobre a dois conjuntos de difícil tratamento: o Fichário e a correspondência.

Dos anos 1940 até o fim da sua vida, Barthes guardou um Fichário monumental, também conservado na Biblioteca Nacional da França. Composto por milhares de

pedaços de papel, recortados pelo próprio Barthes, guardados em caixas ou envelopes, este conjunto constitui um objeto único nos arquivos de um intelectual francês.

Associado à redação deste ou daquele livro, o Fichário se apresenta primeiro como um instrumento do trabalho universitário, transformando-se então em diário íntimo. A evolução da catalogação diz muito sobre esta mutação do uso: enquanto o primeiro subconjunto — formado em 1952, tendo em vista uma tese sobre o vocabulário da política econômica e social sob a Restauração — obedece à ordem alfabética, as fichas dos dois últimos anos são catalogadas em ordem cronológica, conforme uma abordagem diarista.

Em meio a todos os subconjuntos, é possível distinguir o Fichário Verde e o Grande Fichário. O primeiro reúne sobretudo os arquivos redigidos por Barthes quando ele relê sua obra para escrever *Roland Barthes por Roland Barthes*. O segundo, que corresponde aos últimos anos da sua vida, é um conjunto de reflexões sobre o trabalho e anotações íntimas.

De um ponto de vista genético, o Fichário permite mensurar o trabalho que conduz da caderneta à ficha, da notação à frase. Barthes nunca ia a lugar algum sem uma caderneta, que ele tirava do seu bolso interior, pontuando as suas caminhadas, as sessões de trabalho e até mesmo as conversas entre amigos de anotações silenciosas.

Tudo começa com a *nótula*, palavra simples escrita na caderneta e que pretende relembrar a ideia que surgiu como reação àquilo que Barthes viu ou ouviu. Então chega o momento da *nota*. Desta vez, mudam tanto o lugar (o escritório depois da cidade), o momento (o amanhã depois da véspera), o suporte (a ficha depois da caderneta) e o tipo de anotação (a *nota* depois da *nótula*).

Se a *nótula* corresponde a uma palavra ou a um conjunto de palavras lançadas no papel, a *nota* impõe a frase como realidade determinante. Acessar a ficha e o fichário é passar, para Barthes, da pré-escrita à primeira etapa da escrita — que começa de fato, para ele, com a frase.

Por fim, o Fichário corresponde a uma espécie de baralho que Barthes combina e modifica como bem quer, de acordo com um uso bastante livre da contextualização. Cada ficha se inscreve em um contexto tanto temporal (o presente da redação) quanto material (o envelope ou a caixa onde se conserva).

Mas é fácil separar cada uma das peças que compõem o Fichário do seu entorno primeiro e imediato. Barthes tinha como hábito embaralhar as cartas, deslocar suas fichas em função dos seus desejos e necessidades, isto é, livros a escrever ou aulas a preparar. Verdadeira mina de anotações e de referências, o Fichário se faz e se desfaz, se compõe e se recompõe para responder à situação intelectual e editorial do momento.

O Fichário confirma aquilo que tantos textos de Barthes repetem fartamente: a singularidade reside menos na originalidade dos materiais, comum a todos os seus utilizadores, do que na novidade da sua disposição. Em outras palavras, não

é nos elementos que está a chave da individualidade, mas na sua estrutura ou, antes, na sua estruturação, isto é, no dinamismo da sua combinação.

Dada a sua natureza confidencial, mesmo que não haja ali segredos escandalosos, o Fichário só é acessível ao público mediante uma autorização especial. Mathieu Messenger, professor na Universidade de Nantes, está trabalhando em uma edição digital que permitirá conciliar o respeito devido à privacidade de Barthes e os imperativos da pesquisa universitária.

Em um artigo publicado em 2023 na revista *Genesis* (nº 56, “Gênese da crítica”), Mathieu Messenger dá uma primeira amostra muito atraente do seu trabalho: “Quando a ficha cai. A respeito do ‘Grande Fichário’ de Roland Barthes”.

Resta a correspondência, que se apresenta como o maior projeto para a crítica barthesiana do século XXI. Barthes foi sem dúvida um dos últimos grandes epistológrafo de seu século. Deixou um número considerável de cartas, espalhadas em acervos públicos (IMEC, BnF) e privados, nem sempre fáceis de identificar, na França e no exterior (Brasil, EUA, Reino Unido, Itália...).

Algumas destas cartas já foram publicadas pelos seus destinatários, sem qualquer acordo geral. Em escritos de natureza autobiográfica, Leyla Perrone-Moisés (em *Com Roland Barthes*), Antoine Compagnon (em *A era das cartas*), Philippe Sollers (em *A amizade de Roland Barthes*), Colette Fellous (em *A preparação da vida*) publicaram cartas de Barthes; todas estas obras se mostram interessadas em dar testemunho sobre o papel que Barthes desempenhou em suas vidas intelectuais e afetivas.

Em 2015, por ocasião do centenário, Éric Marty selecionou livremente um conjunto de cartas na coletânea *Album* (cartas de Maurice Nadeau, Jean Cayrol, Michel Butor, Claude Lévi-Strauss, Maurice Blanchot...).

No que diz respeito aos arquivos, a Biblioteca Nacional da França possui um certo número de cartas difundidas no acervo Barthes. É no IMEC que está conservado o conjunto de cartas que Barthes enviou a Philippe Rebeyrol. Esta correspondência, que vai dos anos 1930 até 1980, dá mostras da amizade muitíssimo sólida que uniu os dois homens – jovens adolescentes que descobriam a literatura e o mundo, depois adultos convocados a carreiras muito diferentes, mas que se mantiveram bastante próximos durante 1940 anos.

A recolha e edição digital desses documentos, conhecidos e desconhecidos, é o grande desafio que se coloca aos investigadores pela obra de Roland Barthes, na França, no Brasil, ou onde quer que seja.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Œuvres complètes**, nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty, t. 1, 1942-1961 ; t. 2, 1962-1967 ; t. 3, 1968-1971 ; t. 4, 1972-1976 ; t. 5, 1977-1980, Paris : Le Seuil, 2002.

BARTHES, Roland. **Comment vivre ensemble** : simulations romanesques de quelques espaces quotidiens Cours et séminaires au Collège de France 1976-1977, texte établi, annoté et présenté par Claude Coste. Paris : Le Seuil/Imec, « Traces Écrites », 2002.

BARTHES, Roland. **Le Neutre**, Cours et séminaires au Collège de France 1977-1978, texte établi, annoté et présenté par Thomas Clerc. Paris : Le Seuil/Imec, « Traces Écrites », 2002.

BARTHES, Roland. **La Préparation du roman I et II**. Cours et séminaires au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980), texte établi, annoté et présenté par Nathalie Léger. Paris : Le Seuil/Imec, « traces écrites », 2003.

BARTHES, Roland. **Carnets du voyage en Chine**, édition établie, présentée et annotée par Anne Herschberg Pierrot. Paris : Christian Bourgois éditeur/Imec, 2009.

BARTHES, Roland. **Le Lexique de l'auteur**. Séminaire à l'École pratique des hautes études (1973-1974), suivi de Fragments inédits du Roland Barthes par Roland Barthes, avant-propos d'Éric Marty, présentation et édition d'Anne Herschberg Pierrot. Paris : le Seuil, « traces écrites », 2010.

BARTHES, Roland. **Barthes**, textes choisis et présentés par Claude Coste. Paris : Le Seuil, « Points-Bibliothèque Essais », 2010.

BARTHES, Roland. **Sarrasine de Balzac**. Séminaire à l'École pratique des hautes études (1967-1968 et 1968-1969), avant-propos d'Éric Marty, présentation et édition de Claude Coste et Andy Stafford. Paris : Le Seuil, « traces écrites », 2011.

BARTHES, Roland. **Journal de Deuil**, 26 octobre 1977-15 septembre 1979, texte établi et annoté par Nathalie Léger. Paris : Le Seuil, « Fiction & Cie », 2009, « Points-Essais », 2012.

BARTHES, Roland. **Album**. Inédits, correspondance et varia, édition établie et présentée par Éric Mary, avec l'aide de Claude Coste pour « Sept phrases de Bouvard et Pécuchet ». Paris : le Seuil, 2015.

BARTHES, Roland. **La Préparation du roman I et II**. Cours au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980), texte annoté par Nathalie Léger et Éric Marty, transcription des enregistrements par Nathalie Lacroix, avant-propos de Bernard Comment. Paris : Le Seuil, « Essais », 2015.

BARTHES, Roland. **Le Discours amoureux**, Séminaire à l'École pratique des hautes études 1974-1976, suivi de Fragments d'un discours amoureux : inédits, avant-propos d'Éric Marty, présentation et édition de Claude Coste. Paris : Le Seuil, « traces écrites », 2007, « Essais », 2020.

BARTHES, Roland. **Évocations et incantations dans la tragédie grecque**, édition de Christophe Corbier et Claude Coste. Paris : Classiques Garnier, « Études de littérature des XXe et XXIe siècles », 2023.

BARTHES, Roland. **Le Neutre**, Cours au Collège de France 1978, transcription des enregistrements par Nathalie Lacroix et Éric Marty, Avant-propos d'Éric Marty, Notes de Thomas Clerc et Éric Marty. Paris : Le Seuil, « Essais », 2023.